



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA
CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

THALYSON PEREIRA GOMES

**MACHISMO RECREATIVO: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS MISÓGINOS
NORMALIZADOS ATRAVÉS DO HUMOR EM VÍDEOS DO YOUTUBE DE LÉO
LINS**

PATU - RN

2024

THALYSON PEREIRA GOMES

**MACHISMO RECREATIVO: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS MISÓGINOS
NORMALIZADOS ATRAVÉS DO HUMOR EM VÍDEOS DO *YOUTUBE* DE LÉO
LINS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras-Língua Portuguesa, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Luciana Fernandes Nery

PATU - RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

G633m Gomes, Thalyson Pereira

Machismo recreativo: uma análise dos discursos misóginos normalizados através do humor em vídeos do YouTube de Léo Lins. / Thalyson Pereira Gomes. - Patu, 2024.
49p.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Discurso. 2. Humor. 3. Cultura do estupro. 4. Discurso misógino. I. Nery, Luciana Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

THALYSON PEREIRA GOMES

**MACHISMO RECREATIVO: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS MISÓGINOS
NORMALIZADOS ATRAVÉS DO HUMOR EM VÍDEOS DO YOUTUBE DE LÉO
LINS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras-Língua Portuguesa, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Aprovado em: 26 de Fevereiro de 2024.

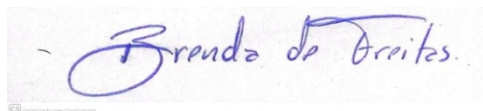
Banca Examinadora



Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery – Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Keila Lairiny Câmara Xavier – Examinador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Brenda de Freitas – Examinador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

À minha família, que sempre buscou o melhor para mim, me mostrando o caminho do bem e me incentivando a estudar para mudar de vida. Chegar até aqui é fruto de uma boa educação familiar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter chegado até aqui. Se eu não desisti foi somente por causa Dele que não me deixou sozinho no processo e me fez ser forte mesmo quando me senti incapaz. A Ele seja toda honra e glória.

Quero agradecer a minha família que sempre me apoiou e me incentivou a querer estudar e “ser alguém na vida”. A meu pai, Paulo Silvano, minha mãe, Damiana Brito, e a minha querida irmã, Thalyta Paula, o meu muito obrigado por todo o cuidado que me fizeram chegar até aqui. Amo todos vocês.

A minha tia Raimunda que custeou meu transporte para a faculdade quando eu não tinha as condições financeiras necessárias. Quero deixar o meu muitíssimo obrigado por me permitir estudar.

Quero agradecer, também, aos demais familiares que (in)diretamente me ajudaram a chegar nesse momento tão esperado: a conclusão do curso.

À minha namorada, Fabiola, que foi um ponto de equilíbrio nessa etapa final do TCC. Obrigado por ser calma nos meus dias tempestuosos e me entender quando estava estressado ou quando sumia o dia todo. Te amo, meu bem.

Quero deixar aqui a minha eterna gratidão a minha dupla da faculdade, Mariana. Obrigado por me suportar durante quatro anos e dividir saberes e experiências nesse tempo de academia. Você foi extremamente importante nesse processo. Te levarei para a vida.

Grato ao meu grupinho da faculdade que quero levar para a vida: Mariana, Gislane, Cristiano e Júnior. Minhas manhãs (e noite, às vezes) se tornavam muito mais leves com vocês. Obrigado por toda ajuda e pelas fofocas no intervalo. Amo vocês todos.

Não poderia deixar de agradecer a minha turma querida. Para todos, o meu muito obrigado. Fomos e somos uma turma diferente de qualquer outra. Enfrentamos três semestres completos pelo ensino remoto devido à pandemia da Covid-19 e nos conhecemos somente na metade do 4º período. De lá para cá foram momentos incríveis de muitas risadas e grandes experiências. Seremos vencedores. Seremos grandes.

Ao pessoal do carro, gratidão. As minhas amigas letrólogas, Libégna e Juliana, e ao nosso motorista, Paulinho, muito obrigado. Foram muitas conversas e alegrias pelas manhãs de sono que estarão sempre no meu coração.

Não posso esquecer de agradecer ao PAPEL (Projeto Acadêmico em Práticas e Eventos de Letramento) que me mostrou o que é a escrita acadêmica no início de minha graduação. À professora Aline Inhoti, coordenadora do projeto, e aos monitores, Willian Andrade e Thauan Paiva, obrigado.

Quero externar a minha imensa gratidão ao PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), promovida no *Campus* Avançado de Patu da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), por me proporcionar a inserção à ciência. Muito do que sei partiu dessa oportunidade. A minha orientadora, Luciana Nery, e minha dupla foucaultiana, Libégna, obrigado.

Agradeço, também, ao PRP (Programa de Residência Pedagógica) por me permitir viver o que é ser professor. A todos, minha gratidão.

Quero agradecer a todos(as) professores(as), que permanecem e/ou que já passaram pelo CAP. Todo o cuidado de vocês em ensinar e mostrar os caminhos do ser-professor me permitiu estar aqui. Obrigado pelos conhecimentos e pelas experiências. Levarei um pouquinho de cada no meu modo de ensinar.

Sou grato as minhas colegas de pesquisa, Mariana e Isabelle, pela partilha de relatos de desespero e de experiências. Empreender uma pesquisa pelo viés foucaultiano foi um ato de coragem de nossa parte. Obrigado, meninas.

Quero agradecer, em especial, a minha orientadora, Luciana Nery, por todo percurso acadêmico trilhado junto a mim. Desde o 5º período sob sua orientação, posso afirmar que você é uma profissional excelente. Costumo dizer que planejei ser seu orientando já no 3º período, desde as aulas de morfossintaxe. Desculpa pelas inúmeras raivas proporcionadas. Sou um ser humano difícil de lidar. Porém, saiba que sempre serei grato a ti, pois suas cobranças e orientações me fizeram evoluir. Obrigado por me mostrar a Análise do Discurso e Foucault. Minha formação eu devo a você.

Por fim, quero agradecer a banca composta pelas professoras Brenda Freitas e Keila Lairiny. Obrigado por aceitarem a ler o meu trabalho. As suas contribuições imensamente importantes para a minha pesquisa. A cada uma, desejo sucesso.

Basta reconhecer como as ofensas raciais ou de gênero vivem e se alimentam da carne daqueles a quem são endereçados e como esses insultos se acumulam com o tempo, dissimulando sua história, assumindo a aparência do natural, configurando e limitando essa *doxa* a que chamamos de “realidade”. (Butler, 2021, p. 260-261).

RESUMO

O interesse por este trabalho surgiu através da recorrência que discursos contra a mulher e sobre o estupro são perpassados no humor a partir do *show* “Perturbador” do humorista Léo Lins, publicado no *YouTube*. Dessa maneira, esta pesquisa teve por objetivo geral compreender quais as condições de emergência possibilitam a (re)produção de discursos misóginos por meio do humor e como esses discursos estão relacionados a normalização da cultura do estupro. Nesse sentido, pretendeu-se, especificamente, investigar a emergência dos discursos misóginos pelo humor e como esses discursos naturalizam e contribuem para uma cultura do estupro. Além disso, buscou-se analisar como a prática do estupro pode servir de ferramenta discursiva para a (re)produção de discursos misóginos no humor. A pesquisa é de cunho qualitativo, de aspecto descritivo-interpretativo, mediante a seleção e interpretação de seis (6) enunciados proferidos pelo humorista Léo Lins no *show* “Perturbador”, no *YouTube*, para, assim, possibilitar a investigação dos discursos misóginos que perpassam o humor. Este trabalho está ancorado ao viés dos Estudos Discursivos Foucaultianos, sobretudo, no método arqueogenealógico. O aporte teórico é baseado, substancialmente, em Foucault (2014; 2018; 2022), além das contribuições de Possenti (2001; 2008; 2018; 2020) e Bergson (2018) para tratar sobre humor; Butler (2021) para a discussão do discurso de ódio; Perrot (2005; 2019) e Saffioti (1987) acerca do patriarcado e cultura do estupro; dentre outros. Com base nos dados, pôde-se constatar que os discursos misóginos no humor perpetuam um imaginário acerca da mulher a partir de um complexo feixe de discursos que subjugam a identidade feminina e que normalizam a prática do estupro.

Palavras-chave: Discurso; Humor; Cultura do estupro; Discurso misógeno;

ABSTRACT

The interest in this research emerged from the recurrence that speeches against the woman and about rape are permeated through humour from the show “Disturbing”, of the comedian Léo Lins, published on YouTube. Thus, this research had as a general objective to comprehend what emergency conditions enable the (re)production of the misogynist speech through humour and how these speeches are related to the normalization of the rape culture. In this manner of sense, it was intended, specifically, to investigate the emerging of the misogynist speeches via humour and how these speeches naturalize and contribute to the rape culture. Besides that, it was looked forward to analyze how the rape practice can serve as a discursive tool to the (re)production of the misogynist speech in humour. The research is qualitative, has a descriptive-interpretative aspect, by the selection and interpretation of six (6) statements uttered for the comedian Léo Lins in the show “Disturbing”, on YouTube, to, in this way, enable the investigation of the misogynist speeches that come alongside humour. This research is anchored to the biases of the Foucaultian Discursive Studies, mostly, in the archaeogenealogical method. The theoretical support is based, substantially, in Foucault (2014; 2018; 2022), besides the contribution from Possenti (2001; 2008; 2018; 2020) and Bergson (2018) to speak on humour; Butler (2021) to the discussion about the hate speech; Perrot (2005; 2019) and Saffioti (1987) about the patriarchy and rape culture; among others. Based on the data, it was possible to realize that the misogynist speeches in humour perpetuate an imaginary about the woman by a complex web of speeches that subdue the female identity and normalize the rape practice.

Keywords: Speech; Humour; Rape culture; Mysoginist speech

SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO</u>	11
<u>2 OS DISCURSOS MISÓGINOS: PROBLEMATIZAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DO HUMOR</u>	16
<u>2.1 A noção de discurso nos Estudos Foucaultianos</u>	16
<u>2.2 Implicações conceituais sobre o discurso de ódio</u>	20
<u>2.2.1 Humor ou discurso injurioso? Os discursos de ódio normalizados em piadas</u>	22
<u>2.3 O machismo na manutenção de uma cultura do estupro</u>	26
<u>3 O HUMOR NA CONDIÇÃO DE EMERGÊNCIA DOS DISCURSOS MISÓGINOS.....</u>	31
<u>3.1 A emergência dos discursos misóginos através de piadas</u>	32
<u>3.2 Discursos misóginos: uma normalização da cultura do estupro através do humor machista</u>	35
<u>3.3 O estupro como ferramenta de (re)produção do discurso misógino no humor</u>	39
<u>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	47
<u>REFERÊNCIAS</u>	50

1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, o humor sempre esteve presente em nossa sociedade, seja na literatura, no teatro, no mundo cinematográfico e até mesmo na arte de rua. Fazer humor é uma prática flexível, pois se pode usar de diferentes meios e ferramentas como, por exemplo, programas de TV aberta, livros de piadas, os famosos “*stand up comedy*”, etc. Desse modo, vê-se que o gênero humorístico continua presente no meio social e costuma encontrar, na atualidade, um ambiente mais propício e de fácil propagação nas mídias digitais como *YouTube*, *Instagram*, *Twitter*, dentre outros.

O humor tem suas múltiplas facetas e, dentre elas, está o discurso de ódio, haja vista ser, comumente, uma prática recreativa preconceituosa que se usa, muitas vezes, de classes minorizadas para promover o riso de um determinado público. Com isso, surge a tácita dúvida que paira esta pesquisa: os discursos de ódio quando manifestados em forma de piadas são discursos humorísticos ou discursos de ódio? Nesse contexto, Butler (2021, p. 12-13) assinala que “uma injúria linguística parece resultar não apenas das palavras utilizadas para se dirigir a alguém, mas também do próprio modo de endereçamento, (...) um modo que interpela e constitui o sujeito”. A injúria pode ser direcionada a um determinado sujeito ou grupo social de modos diferentes. Logo, pode-se dar enfoque ao humor como uma prática que possibilita a manifestação e a normalização de discursos de ódio misóginos.

Não é difícil, por exemplo, acessar alguma mídia digital e se deparar com uma piada homofóbica ou racista que subjuga as minorias sociais. Outra forma bem comum de recreação no humor é com as mulheres, sobretudo, valendo-se do corpo feminino para a promoção de piadas com teor misógino¹ que, normalmente, são destinadas a uma plateia masculina. O machismo recreativo² é uma dentre as

¹ O conceito de misoginia é definido para Bloch (1995) não a partir de uma generalização negativa que acerca dos homens e não se trata, muito menos, de amar todas as mulheres. Para o autor, “qualquer definição essencialista da mulher, seja negativa ou positiva, feita por um homem ou uma mulher, é a definição fundamental da misoginia” (Bloch, 1995, p. 13). Além disso, pode-se compreender a misoginia, de acordo com Deodato (2017), como o termo destinado para caracterizar antipatia, desprezo ou aversão as mulheres. Para maiores informações sobre a misoginia, ver em: https://www2.ufrb.edu.br/bcet/components/com_chronoforms5/chronoforms/uploads/tcc/20190608094305_2018.2_TCC_Fabrcio_Velso_de_Jesus_Identificao_e_Classificao_Automtica_de_Misogenia_em_Redes_Sociais.pdf. Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.

² A partir do levantamento bibliográfico realizado, fundamentalmente, nos postulados teóricos de Possenti (2010, 2018) acerca da noção de humor como um campo, compreendemos que discursos

diferentes faces que se exercem no meio humorístico que constituem uma prática, acima de tudo, criminoso.

No que diz respeito ao machismo recreativo, os discursos através humor, em diversos casos, são responsáveis por normalizar e por relativizar a cultura do estupro. A história das culturas ocidentais é marcada pelo machismo, alicerçada ao falocentrismo e aos modelos patriarcais que acabam por inferiorizar a mulher. Quem não já ouviu uma piada que dizia que mulheres loiras eram “burras”? Ou piadas que tratavam o corpo feminino como um objeto de prazer para homem? Essas piadas atribuem, forçadamente, a essas sujeitas a imagem de seres frágeis e objetos da manutenção da virilidade do homem. Além disso, a prática desse ato recreativo termina deflagrando uma masculinidade tóxica³, que busca através do humor subjugar a mulher e, conseqüentemente, coopera para a permanência de uma cultura do estupro.

Essa prática de recreação com discursos de ódio misóginos é mantida por inúmeros “humoristas” que ganham fama e reconhecimento com piadas que inferiorizam determinados grupos em nossa sociedade. Dentre estes sujeitos, está o humorista Léo Lins, conhecido por sua personalidade irreverente e humor negro. Ele ganhou visibilidade participando de programas televisivos como o “*The Noite com Danilo Gentili*”. No entanto, o destaque de Léo Lins se deu por conta dos *shows* polêmicos de *stand up comedy*, especialmente, “*Perturbador*”, de 2022, que lhe acarretou uma série de processos judiciais.

Diante do que já apresentamos, elencamos para a nossa pesquisa os seguintes questionamentos: i) Quais condições de emergência permitem o aparecimento de discursos machistas e não outros em seu lugar por meio do humor? ii) Como os discursos misóginos normalizados através do humor podem contribuir para uma cultura do estupro? iii) Como a prática do estupro pode servir de ferramenta discursiva para a (re)produção dos discursos misóginos através do

humorísticos que se valem de discursos de ódio contra a mulher para promover piadas injuriosas se tratam de um modo de recreação machista, se promovendo do sexo feminino denominado, desse modo, de “machismo recreativo”.

³ De acordo com Casadei e Kudeken (2020), a masculinidade tóxica pode ser definida como um conjunto de comportamentos individuais ou coletivos que parte de um ideal cultural da própria masculinidade. Para as autoras, esse comportamento tóxico se caracteriza por agressão, antifeminilidade e uma competição na busca de dominação e poder, que resultam objetificação das mulheres, hipersexualidade e pressão de colegas para realizar atos heterossexuais percebidos (Casadei; Kudeken, 2020). Para mais informações, acessar em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/45024>. Acessado em 10 de fevereiro de 2024.

humor? Posto os questionamentos que norteiam a constituição deste trabalho, definiram-se como objetivos:

Geral:

- Analisar os discursos misóginos normalizados através do humor e relacionados a uma cultura do estupro, mediante vídeos do humorista Léo Lins, disponíveis no *YouTube*.

Específicos:

- Investigar as condições de emergência que permitem o aparecimento de discursos machistas por meio do humor;
- Compreender como os discursos misóginos normalizados através do humor contribuem para uma cultura do estupro;
- Examinar como o estupro serve de ferramenta discursiva para a (re)reprodução de discursos misóginos através do humor.

A investigação desta pesquisa surgiu em vista da preocupação em tratar da cultura do estupro, que se exerce, principalmente, contra a mulher. Segundo os dados do Anuário de Segurança Pública Brasileira de 2023, houve um aumento de 8,2% nos casos de estupro e estupro de vulnerável notificados no Brasil em 2022 em relação a 2021 – o maior em toda a história –, significando um total de 74.930 mulheres estupradas⁴. Os números, embora preocupantes, são uma parcela pequena dos casos de estupro no país, pois se tratam apenas dos casos que foram informados as autoridades. Consoante ao Atlas da Violência de 2023, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a estimativa é de que aconteçam 822 mil casos de estupro por ano no Brasil, contudo, apenas 8,5% chegam até a polícia e 4,2% são identificados através do sistema de saúde⁵.

Diante da incidência dos casos de estupro no país, surgiu à necessidade de investigar quais condições de emergência permitem o aparecimento de discursos de ódio através do humor que mantêm e que normalizam uma cultura do estupro e, principalmente, sob que meios são propagados. Além disso, torna-se substancial compreender a partir deste machismo recreativo como a promoção do riso mediante

⁴ Para ter acesso aos dados apresentados, ver em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acessado em 29 de fevereiro de 2024.

⁵ Para mais informações, acesse em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1694-pbestuprofinal.pdf>

piadas que usam o corpo feminino e que trata de maneira evidente o estupro como uma forma de entretenimento implica nos modos de objetivação e de subjetivação das sujeitas vítimas de estupro.

Este trabalho dispõe de um olhar analítico-discursivo foucaultiano posto às nuances sobre uma das práticas recreativas mais comuns e recorrentes em nossa sociedade: o humor. Nesse sentido, a composição desta pesquisa dialoga e dá continuidade aos estudos sobre feminismos e a violência contra a mulher desenvolvidos no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), do curso de Letras Língua Portuguesa, do *Campus* Avançado de Patu, financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), nos semestres de 2022.2 a 2023.2, do qual fiz parte sob a orientação da professora Dra. Luciana Fernandes Nery.

Sob tais considerações, produções que versam sobre os feminismos, a violência sexual contra as mulheres e a concepção de cultura do estupro são de grande relevância não só no meio acadêmico, mas também para toda a sociedade. Ademais, subsidiam meios para a investigação dos discursos, sobretudo os discursos de ódio e a sua propagação nas mídias digitais como, por exemplo, o *YouTube*, por ser um campo fértil para a análise de enunciados.

Esta pesquisa está ancorada no campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos, dispondo-se do método arqueogenealógico. De acordo com a abordagem dos dados, a pesquisa é de cunho qualitativo, de aspecto descritivo-interpretativo, pois, trata-se da investigação dos enunciados ditos em piadas pelo humorista brasileiro Léo Lins, que tratam do estupro enquanto conteúdo provedor do riso. Deste feito, nos apropriamos, além dos postulados teóricos de Michel Foucault (2014; 2018; 2022), das contribuições de Possenti (2001; 2008; 2018; 2020) e Bergson (2018) para lidar a respeito do humor; Butler (2021) para a discussão sobre o discurso de ódio; Perrot (2005; 2019) e Saffioti (1987) para dialogar acerca da concepção de cultura do estupro e do machismo, dentre outros.

O *corpus* selecionado consiste no vídeo do show intitulado de "Perturbador", promovido pelo humorista Léo Lins em 2022, publicado no *YouTube*. O espetáculo está disponível no canal "KFTV Play" e tem a duração de 1 hora, 14 minutos e 36 segundos. Diante disso, as análises se desenvolveram a partir de seis recortes do vídeo, em que o humorista apresenta piadas misóginas, principalmente,

relacionadas ao estupro de mulheres para uma plateia de aproximadamente 4 mil pessoas.

Perante o exposto, esta pesquisa se divide em quatro seções que, inicialmente, parte da introdução, em que são apresentadas algumas considerações iniciais do desenrolar do trabalho. Posteriormente, no capítulo dois, “*Os discursos misóginos: problematizações teóricas acerca do estupro*”, busca-se versar acerca do discurso sob a ótica dos Estudos Foucaultianos, bem como tratar sobre os discursos de ódio presentes em piadas. Além disso, no referido capítulo, tratou-se a respeito do machismo e da masculinidade tóxica inseridos em uma cultura do estupro mediante o humor e suas inúmeras formas de recreação para a promoção do riso. No capítulo três, intitulado de “*O humor na condição de emergência dos discursos misóginos*” analisamos o *corpus* de pesquisa, investigando os discursos de ódio misóginos em forma de piada que tratam do estupro de maneira cômica, que contribuem para uma normalização de crimes sexuais contra a mulher e de condutas machistas que subjagam o sexo feminino.

Frente às considerações, vê-se que o papel da mulher na sociedade é, muitas vezes, subjugado, pois é atrelada a essas sujeitas a figura de ser frágil e inferior em relação ao homem, o que condiciona, desse modo, o aparecimento de discursos que acabam normalizando e assegurando a permanência de uma cultura do estupro. Estes discursos misóginos ocorrem sob modelos patriarcais e falocêntricos que, forçadamente, se impõem as mulheres que têm seus corpos violados. Com efeito, a reprodução desses discursos pode ser observada através do humor, haja vista ser uma situação comum ver discursos de ódio promovidos em piadas que usam da mulher e, no pior dos casos, da violência sexual feminina, como o estupro, para a promoção do riso e da recreação de um público, que, em geral, é composto em sua maioria por homens.

2 OS DISCURSOS MISÓGINOS: PROBLEMATIZAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DO HUMOR

Antes de direcionar a atenção às explanações de pretensão teórica, cabe-nos iniciar colocando no centro da discussão algumas indagações que deram possibilidades ao desenvolvimento desta pesquisa e que trouxeram a necessidade de abordar a temática presente neste capítulo. Desse modo, traçando um percurso no plano da linguagem, parece ser imprescindível para tecer algum diálogo, compreender a relação dos discursos na história do presente do Brasil, sobretudo, relativo ao estupro.

Nesse sentido, compreende-se, pois, que a linguagem se utiliza de diversos recursos para a produção dos discursos, inclusive quando se trata dos de ódio em casos de misoginia, visto que correm risco de não serem admitidos. A partir disso, meios como a música, a literatura, doutrinas religiosas, por exemplo, são mobilizados para perpetuá-los de forma mais sutil na sociedade. Sob isso, dentre os meios mobilizados para proferir os discursos de ódio, o humor, também, surge como uma opção. Dessa forma, para dar corpo a esta pesquisa, deve-se questionar o ato do dizer de um discurso de ódio misógino por meio do humor, para, assim, no limiar das discussões refletir se “tal declaração foi ou não uma piada...” (Possenti, 2018, p. 23). Feito isso, pode-se construir um panorama discursivo que está atrelado, diretamente, a realidade, em geral, das mulheres que sofreram crimes de estupro.

Logo, torna-se fundamental compreender a noção do discurso e como eles (re)aparecem em um espaço e em um tempo específico. A partir disso, discorrer pelo viés dos Estudos Discursivos Foucaultianos possibilita dar corpo a esta pesquisa, posto que algumas definições e fundamentos servirão de base para a realização deste trabalho. Assim, sob esses princípios, podem-se estabelecer discussões acerca das condições de emergência que permitem que um dado discurso e não outro em seu lugar surjam em um determinado momento na história.

2.1 A noção de discurso nos Estudos Foucaultianos

[...] Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo (...). Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível (Foucault, 2014, p. 5-6).

A linguagem é inerente ao ser humano, uma vez que somos constituídos por ela e, a partir dela, constituímos também o outro. Nesse sentido, pode-se afirmar que o sujeito é moldado pela linguagem. Sob essa ótica, surge um questionamento possível: afinal, o que é o discurso? Há uma infinidade de questões a respeito do discurso passíveis de formulação que, no entanto, ainda não dariam conta da sua complexidade e dimensão conceitual. Para Foucault (2002),

[...] os “discursos”, (...) não são, (...) um puro e simples entrecruzamento de coisas e palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar (...) que, analisando o próprio discurso, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva [...] (Foucault, 2022, p. 59-60).

Desse modo, para Foucault (2022), as condições que possibilitam a emergência de um discurso se dão não por uma simples representação da realidade pela linguagem ou da relação do sujeito com um meio em que está inserido, mas enquanto um jogo de poderes que circulam entre os sujeitos e de uma historicidade que os atravessa mediante uma prática discursiva⁶. Assim entendido, o discurso seria “ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo” (Foucault, 2022, p. 66). Em suma, os discursos são efeitos de sentidos materializados na língua a partir de determinados sujeitos sócio-históricos que os produzem e os interpretam em um complexo feixe de relações entre já ditos e jogos de poder.

Nessa continuidade, a preocupação de Foucault em descrever a noção tão flutuante da palavra “discurso” em suas pesquisas deu-se, essencialmente, entre os últimos decênios de 1960 para o início dos anos de 1970. O desenvolvimento de seus estudos nesse período discorreu, sobretudo, com a publicação de *A Arqueologia do Saber*, em 1969, e com o livro de sua aula inaugural no *Collège de France*, *A Ordem do Discurso*, de 02 de dezembro de 1970⁷.

⁶ Para Foucault (2022, p. 144), a noção de prática discursiva é “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”.

⁷ Para saber mais sobre o percurso das obras de Michel Foucault, ver em: <https://www.academia.edu/t/xiain-RCyYpYz-HrG1Y/>.

Embora esses tenham sido períodos em que Foucault tenha se voltado a olhar para a descrição de discurso com maior interesse, não se pode tratar, todavia, isso de maneira fechada, pois em suas pesquisas o discurso é tratado desde 1960, até o momento de sua morte, em 1984, quando foram desenvolvidas novas noções ou retomadas questões já pontuadas por ele nos anos 60 e 70. Nesse sentido, Foucault (2022, p. 96) compreende que:

[...] Finalmente, em lugar de estreitar, pouco a pouco, a significação tão flutuante da palavra “discurso”, creio ter-lhe multiplicado os sentidos: ora domínio geral de todos os enunciados, ora grupo individualizável de enunciados, ora prática regulamentada dando conta de um certo número de enunciados; e a própria palavra “discurso”, que deveria servir de limite e de invólucro ao termo “enunciado”, não a fiz variar à medida que deslocava minha análise ou seu ponto de aplicação, à medida que perdia de vista o próprio enunciado? (Foucault, 2022, p. 96).

Sob essa ótica, Foucault amplia a noção do discurso a três aspectos: a um domínio, a uma prática regulamentada e a possibilidade de ser um grupo, que, nessa ótica, envolvem os enunciados e são capazes de individualizá-los. Consequentemente, a noção de discurso para os Estudos Foucaultianos assume um caráter amplo, cuja descrição implica em uma gama abrangente de sentidos para o termo. Sob essa abrangência de sentidos, é importante destacar que “o discurso designa, em geral (...), um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns” (Revel, 2005, p. 37). Há, dessa forma, o entrecruzamento de enunciados distintos, que estão apoiados sob as mesmas condições de emergência. Com isso,

[...] Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, (...) é, de parte a parte, histórico [...] (Foucault, 2022, p. 143).

Logo, a emergência de um dado discurso e não outro em seu lugar parte de uma formação discursiva que, inserida na língua e na história, rege os limites de possibilidade de seu aparecimento, que não se deve, entretanto, compreendê-la como “uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais” (Foucault, 2022, p. 89). O discurso, então, surge de condições que, sob uma dada formação discursiva, possibilitará o seu aparecimento. Conforme Foucault (2022, p. 31), “é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”. Isso

posto, vê-se, que “o discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante” (Foucault, 2014, p. 49). O discurso, assim elucidado, difere das concepções de Saussure acerca da relação indissolúvel entre significado e significante, pois, para Foucault, os significados não são estáveis, uma vez que há uma dispersão dos sentidos no decorrer da história.

A noção acerca das formações discursivas é, consoante Veyne (2009), como aquários falsamente transparentes que envolvem sujeitos sócio-históricos e que põe em xeque todo um jogo de práticas regulamentadas que condicionam a emergência dos discursos, obedecendo às regras de sua formação, ou melhor, aos limites do seu aquário. Segundo o autor, “em cada época, os contemporâneos encontram-se assim fechados em discursos como em aquários falsamente transparentes, ignoram quais são e até que existe um aquário” (Veyne, 2009, p. 19). Sob isso,

[...] no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) (Foucault, 2022, p. 47).

Dessa maneira, os discursos são passíveis de sofrer transformações, de mudar de posições e de funcionamentos, obedecendo, todavia, aos limites de sua formação discursiva em processos temporais distintos.

Foucault (2014), em *A Ordem do Discurso*, apresenta a noção de discurso a partir do desejo e da instituição. Para o autor, os discursos são controlados por procedimentos externos e internos que põe em jogo as vontades do dizer e as interdições. O controle dos discursos pelas instituições, entretanto, não se trata do poder mediante uma dominação soberana que subordina aquele que não o detém, mas um poder que circula nas relações sociais entre os sujeitos. Desse modo, é uma decisão arriscada daquele que se submete a ordem do discurso, pois o próprio Foucault (2014) salienta que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 2014, p. 10).

Foucault (2014) ao discorrer sobre os procedimentos internos de controle dos discursos explica que o discurso surge a partir de um já dito. Nessa ótica, o discurso seria, “uma repetição disfarçada” (Foucault, 2014, p. 25), de um discurso anterior ao dito (re)produzido por um dado sujeito sócio-histórico. Sob isso, pode-se questionar: o que há de novo em um discurso? Foucault (2014, p. 26) afirma que “o novo não

está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. Portanto, o que há de novo em um discurso não está no seu dizer, mas nas condições de emergência que possibilitaram o aparecimento do discurso em um momento histórico específico.

Diante das considerações apresentadas, compreende-se que a instância do discurso está dentro de um complexo feixe de relações de sujeitos e de instituições. Nessa perspectiva, os discursos circulam em uma gama abrangente de campos da sociedade: política, sexualidade, religião, economia, etc. Essa abrangência também envolve discursos carregados de preconceito e de injúria, que buscam inferiorizar determinados grupos de pessoas. Entre as nuances do discurso está o discurso de ódio, aspecto a ser discutido a seguir.

2.2 Implicações conceituais sobre o discurso de ódio

De acordo com Butler (2021, p. 35), “determinados tipos de discurso não apenas comunicam o ódio, mas também constituem atos injuriosos”, que, assim, “pressupõe não apenas que a linguagem age, mas que ela age *sobre* seu destinatário de maneira injuriosa”. Nesse sentido, trata-se de discriminar não somente o outro verbalmente com ofensas, mas afirmar que o destinatário desse discurso é inferior em relação a quem anuncia o discurso de ódio. Observa-se, que “o que o discurso de ódio faz, então, é constituir o sujeito em uma posição subordinada” (Butler, 2021, p. 39).

Os discursos de ódio têm encontrado um campo fértil para a sua disseminação, sobretudo, nas mídias digitais como o *Instagram*, *Facebook*, *YouTube*, dentre outros. Esses espaços promovem diariamente a interação entre diferentes sujeitos, que, muitas vezes, viabilizam a circulação de discursos injuriosos. Conforme Trindade (2023, p. 77), “essa tecnologia digital lhes proporcionou a capacidade não apenas de construir discursos de ódio, mas também de disseminá-los para um público muito amplo e de forma instantânea”. A rapidez com que esses discursos são disseminados se deve ao fato de que “a informação digitalizada pode ser processada automaticamente, com um grau de precisão quase absoluto, muito rapidamente e em grande escala quantitativa” (Lévy, 2010, p. 52).

Os discursos preconceituosos que circulam nos espaços midiáticos, por outro lado, não podem ser dissociados da vida fora das redes sociais dos sujeitos que os proferem. Trindade (2023, p. 79) afirma que “eles reverberam por muito tempo no

ambiente virtual”. Dessa forma, falas injuriosas ganham eco nas mídias digitais, atingindo o seu objeto de ataque, causando danos psicológicos e emocionais prolongados.

No plano de uma formação discursiva, deve-se deixar claro que os discursos de ódio obedecem a regras que condicionam e mantêm a sua (re)produção. Por conseguinte, “o discurso de ódio é um ato que evoca atos prévios e requer uma repetição futura para sobreviver” (Butler, 2021, p. 41). Não obstante, nessa repetição o sujeito é de certa forma apenas o meio pelo qual o discurso retornará, o que consequentemente o fará responsável por seu discurso, mas não o limiar da ação injuriosa. Assim,

[...] Quem enuncia o discurso de ódio é responsável pela maneira como ele é repetido, por reforçar esse tipo de discurso, por restabelecer contextos de ódio e de injúria. A responsabilidade do falante não consiste em refazer a linguagem (...), mas em negociar o legado de uso que restringe e autoriza seu próprio discurso [...] (Butler, 2021, p. 54).

Consoante a isso, a repetição é interpretada por Butler (2021) como suscetível a ressignificações, pois as palavras que, a princípio são de cunho injurioso, podem fazer referência em diferentes contextos a posições a que não foram destinadas. Nessa concepção, as palavras não podem ser isoladas em suas significações devido à maleabilidade da linguagem. A autora expõe que “a possibilidade de um ato de fala ressignificar um contexto prévio depende, em parte, do intervalo entre o contexto de origem ou a intenção que anima um enunciado e os efeitos que esse enunciado produz” (Butler, 2021, p. 33). Logo, os discursos podem ser proferidos se o contexto o permitir. Apesar disso, não se pode afirmar que uma palavra, mesmo que ressignificada, não possa causar danos éticos e morais a um dado sujeito a quem o discurso de ódio ataca.

Frente ao exposto, a repetição desses discursos parece ser, de fato, inevitável, independentemente de sua ressignificação. A palavra injuriosa, para Butler (2021, p. 68), é a reencenação de um trauma social que toma a forma “de uma sujeição contínua, da reencenação da injúria por meio de signos que simultaneamente obstruem a cena e a recolocam em ação”. Repetir determinados discursos, essencialmente, os de ódio, requer certa estratégia de uso. Dentre as estratégias que viabilizam a repetição dos discursos de ódio, principalmente, nas mídias digitais está o humor. Nele, muitos discursos considerados inaceitáveis ganham espaço sendo apresentados de maneira sutil em piadas e, com isso, são

reverberados, muitas vezes, sem que se perceba. Diante disso, no próximo subtópico, teceremos discussões acerca do atravessamento de discursos de ódio em piadas para compreender como, no humor, as práticas preconceituosas são normalizadas na sociedade.

2.2.1 Humor ou discurso injurioso? Os discursos de ódio normalizados em piadas

Um sujeito ao proferir um discurso, sobretudo, os que confrontam negativamente uma classe minorizada como as mulheres ou os negros, seja em ambientes públicos ou em ocasiões mais restritas, compromete-se com o que diz, uma vez que, seu discurso é recepcionado por outros sujeitos. Dessa maneira, ao falar, esse sujeito é objetivado pelos outros participantes do discurso, que fazem suas próprias interpretações e se subjetivam a partir do que foi dito. Essa subjetivação pode implicar nas mais simples reações (surpresa, descrédito, estarecimento, etc.) às mais reacionárias (revolta, indignação, constrangimento, etc.). Diante disso, os discursos podem provocar no outro diferentes formas de resposta e de mudança de comportamento.

Nessa concomitância entre o sujeito da enunciação, o outro e o discurso, o sujeito que profere discursos de ódio corre risco de ser considerado preconceituoso e/ou intolerante, o que poderia provocar o seu cancelamento social⁸. Consequentemente, para que discursos injuriosos circulem com mais facilidade na sociedade, principalmente nas mídias digitais, é necessário um meio que viabilize a sua emergência. Diante disso, o humor pode ser uma prática que condiciona a emergência de discursos de ódio, que são empregados em piadas e, comumente, normalizados e aceitos como algo risível.

O humor consiste em uma prática composta de uma complexidade própria, haja vista que o seu conteúdo se compõe de fatores que podem tocar em temas controversos: machismo, homofobia, racismo, dentre outros assuntos. Nessa perspectiva, no humor, encontram-se questões que, de certo modo, confrontam

⁸ A cultura do cancelamento se popularizou, sobretudo, na *internet*. Cancelar um sujeito consiste em organizar um boicote generalizado contra uma pessoa, tirando-o da esfera social. Normalmente, os mais afetados pela cultura do cancelamento são as figuras públicas, devido a comportamentos ou declarações de cunho ofensivo, que são injustificadas ou moralmente condenáveis. As informações acerca do termo foram retiradas em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-do-cancelamento.htm#:~:text=A%20cultura%20do%20cancelamento%20%C3%A9,um%20indiv%C3%A4Duo%20da%20esfera%20p%C3%ABlica>. Acessado em 10 de fevereiro de 2024.

valores de determinados sujeitos da sociedade. Nesse entendimento, Possenti (2008, p. 49) propõe que

O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais (Possenti, 2008, p. 49).

Nesse sentido, os discursos humorísticos estão veiculados, sobretudo, a uma prática discursiva do que é reprimido e do que é proibido. Assim, através do humor, os discursos considerados inaceitáveis de serem proferidos a um público ou, até mesmo, em situações mais particulares podem ser enunciados, direto ou indiretamente, com certa liberdade. Esses discursos carregados de ódio e de preconceito que buscam inferiorizar um determinado grupo social, quando disfarçado em uma “boa” piada, adquirem novos sentidos que, na maioria das vezes, torna esses discursos de ódio em algo, para muitos, engraçado. Essa diferença de posição do dizer injurioso mostra que “parece mais ou menos óbvio que uma piada (...) racista ou machista não produz os mesmos efeitos produzidos por uma lei machista ou racista, ou mesmo por um *paper* que pretende dar fundamento científico a tais discursos” (Possenti, 2018, p. 28). Nessa lógica, os discursos humorísticos podem se utilizar das problemáticas que estão instauradas na sociedade como conteúdo de piadas.

Em vista dessa normalização dos discursos de ódio através de piadas humorísticas, Possenti (2001, p. 72) argumenta que:

[...] Se se quiser descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas fornecerá excelente pista: sexualidade, etnia/ raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo (...).Saberemos mais a quantas andam o machismo e o racismo, por exemplo, se pesquisarmos uma coleção de piadas do que qualquer outro corpus (Possenti, 2001, p. 72).

Para o referido autor, o humor se caracteriza pela possibilidade de dizer tudo, entretanto, esse tudo advém, fundamentalmente, de problemas arraigados no âmbito da sociedade. Nesse aspecto, vê-se que o humor é mais social do que simples invenção de um dado humorista para compor um quadro de piadas para apresentá-las em um *show*, por exemplo. Além disso, o humor pode depender da relação social entre o humorista e a sua plateia/público, pois a interpretação de uma

piada só pode ser efetivada a partir da inserção desses sujeitos no mesmo contexto social.

Na intrínseca relação entre o humor e os aspectos de cunho social, faz-se necessária a menção a Bergson (2018) ao empreender suas pesquisas sobre o riso. Segundo o autor, rir é algo próprio dos humanos e, acima de tudo, uma prática que ocorre entre grupos. Logo, “o riso tem necessidade de eco (...). Nosso riso é sempre o riso de um grupo” (Bergson, 2018, p. 39). Além disso, “o riso esconde um entendimento prévio, eu diria quase uma cumplicidade com os outros ridentes, reais ou imaginários” (Bergson, *idem*). Desse modo, para que um dado discurso seja considerado humorístico, deve-se, pela linguagem, concebê-lo inserido em um jogo entre sujeitos sócio-históricos participantes de um mesmo grupo social. Por conseguinte,

[...] Para compreender o riso é preciso recolocá-lo em seu ambiente natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social (...). O riso deve responder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social (Bergson, 2018, p. 40).

Esse aspecto social do riso talvez seja o fator que permita que os discursos de ódio perpassem piadas e consigam promover o riso de um determinado público: o fato de surgirem da sociedade e ser nela que residam os preconceitos e as discriminações. Nesse sentido, os discursos de ódio atravessados pelo humor retornam a partir de nuances que já estão instaladas no âmbito social, isto é, não se trata de nada inventivo, mas de um (re)aparecimento que repousa em um já dito. Analogamente, nessa reverberação de ódio por meio do humor, o comediante assume a função de porta voz dos discursos injuriosos. No entanto, a injúria se encontra, também, no público que ri e aprova a piada proferida por ele. Com isso, o riso

[...] nascerá, aparentemente, quando os homens, reunidos em grupo, voltarem toda a sua atenção sobre um dentre eles, calando sua sensibilidade e exercendo apenas sua inteligência. Qual é então o ponto particular sobre o qual a atenção deverá se dirigir? Em que se empregará aqui a inteligência? [...] (Bergson, 2018, p. 40).

Ao ouvir uma piada, parece ser preciso calar os sentimentos e reforçar apenas o nosso intelecto para compreender as técnicas empregadas pelo discurso proferido por um determinado humorista. Assim, mesmo ao entender a piada e perceber que se trata de um discurso de ódio disfarçado no humor, muitos sujeitos

acabam rindo, pois o humor não tem, para muitos, a função de ser crítico, mas “apenas a obrigação de ser bom, tecnicamente” (Possenti, 2008, p. 49). O que condiciona, então, a emergência dos discursos de ódio através do humor? Por que determinados discursos fora do campo humorístico seriam repudiados?

Sob esses questionamentos, Possenti (2008, p. 46) destaca que “o que faz com que uma piada seja uma piada não é seu tema, sua conclusão sobre o tema, mas uma certa maneira de apresentar tal tema ou uma tese sobre tal tema”. Com isso, os discursos de ódio acabam sendo normalizados, no humor, devido não ao que foi dito, mas da maneira que foi dito. Assim, o humor exige certa técnica de apresentação de seu conteúdo, obedecendo a regras próprias de sua formação e surgindo a partir de temporalidades específicas.

Diante das informações apresentadas, vê-se que para um discurso se tornar humorístico é preciso que siga um conjunto de regras de formulação específicas. Em vista das complexidades dos discursos humorísticos, Possenti (2018), em *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*, defende que o humor é um campo, pois todas as produções humorísticas parecem ser orientadas e delimitadas por conjuntos de regras específicas, de certo modo estáveis, possibilitando a emergência de enunciados igualmente específicos, permitindo, assim, o reconhecimento desses discursos como tal. Além disso, segundo o autor, as pesquisas que estudam o humor, naturalmente, tendem a direcionar a análise para a sua função, ao seu alvo, à sua gênese, às técnicas empregadas, mas raramente se focaliza na língua. No entanto, essas regras somente funcionam à sombra da linguagem – por meio da (re)produção dos discursos. Nesse viés de raciocínio, Possenti (2020) destaca que:

A respeito do humor, eu tenho defendido ultimamente que ele é uma espécie de “campo”, e por isso atua como uma instância que circunscreve as práticas, inclusive profissionais: alguém é humorista em certa parte do tempo, em outra é advogado. Trata-se, portanto, de um campo, que conta com regras próprias, uma das quais é tratar das coisas de um modo que não pareça ser sério (...). O humor não tem compromisso com a verdade. Ele tem compromisso com um certo jogo de oposições entre o que é sério e o que não é sério (Possenti, 2020, p. 53).

O humor, assim posto, atua como um sistema que delimita o que é ou não humorístico a partir das técnicas empregadas no discurso que implicam diretamente no modo como foi proferido. Portanto, ao empreender uma análise de um discurso no campo humorístico, deve-se levar em consideração que os discursos não podem

ser analisados da mesma maneira. Um discurso humorístico não deve ser interpretado da mesma forma que um discurso jurídico, pois eles não estão, na sua formulação, ancorados às mesmas formações discursivas ou, de outro modo, ao mesmo campo. Fundamentado nessa perspectiva teórica, pensar o humor enquanto uma prática regulamentada que constitui, assim, um campo, possibilita uma maior percepção dos jogos com a linguagem e as dispersões de sentidos que uma piada, por exemplo, promove, bem como as implicações nos modos de objetivação/subjetivação dos sujeitos inseridos em um discurso humorístico.

A crescente comercialização de conteúdos humorísticos na atualidade e a visibilidade que os sujeitos podem conquistar enquanto humoristas impulsionaram ainda mais a prática do humor. Contudo, o aumento de praticantes nesse campo impeliu, também, a reverberação do preconceito, uma vez que o humor é o reflexo de uma sociedade preconceituosa, sobretudo, ao se tratar da mulher. Esse campo em que, muitas das vezes, se permite dizer quase tudo (desde que se configure a um conjunto específico de regras de formulação), faz não ser difícil, muito menos incomum, piadas misóginas circularem livremente.

Nesse sentido, a prática do humor possibilita que discursos de ódio misóginos sejam reforçados por meio das piadas. Esse campo é destinado a um dado público, que além de reforçar discursos misóginos acaba apoiando a ideia de que inferiorizar a mulher é motivo e conteúdo do riso. Com isso, vê-se que piadas não são mero humor, mas discursos de ódio sob uma adaptação humorística. Com base nas explanações realizadas, o tópico a seguir discorrerá acerca do que é a cultura do estupro e como os discursos de ódio misóginos proferidos por meio de piadas podem normalizar comportamentos machistas.

2.3 O machismo na manutenção de uma cultura do estupro

O estupro no Brasil é considerado um crime hediondo, tratado de maneira mais severa pela lei. Todavia, foi somente a partir de 2009 que os casos de estupros no âmbito nacional passaram a ser definidos como tal. Desse modo, é previsto no Código Penal Brasileiro, em seu artigo 213, da Lei de n.º 12.015/2009, que o estupro consiste em “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”.

Mesmo sob o rigor das leis que criminalizam e compreendem o estupro enquanto um ato de cunho sexual de qualquer ordem não consensual, o que se vê no Brasil, no entanto, como já explicitado, é um aumento de 8,2% dos casos de estupro no país em 2022 em relação ao ano de 2021, que, segundo os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), totalizam 74.930 mulheres vítimas de estupro.

Mesmo frente ao preocupante aumento dos casos de crime de estupro no Brasil, os discursos alicerçados a uma prática de recreação machista, paralelamente aos índices citados, não mostram uma diminuição significativa no número de praticantes desse tipo de humor. As piadas de cunho machista podem variar o seu grau, indo de discursos que impõem o lugar que a mulher deve assumir na sociedade, como o velho discurso de que *“lugar de mulher é na cozinha”* ou que *“mulher ao volante, perigo constante”*, a piadas que tratam de forma específica o crime do estupro enquanto conteúdo humorístico, corroborando, assim, para a manutenção de uma cultura do estupro.

Deve-se deixar claro que, tendo em vista que o humor parte das nuances de caráter social, esses discursos de ódio machistas, por sua vez, não são exclusivos e nem produzidos apenas no meio humorístico, entretanto, são trazidos para este campo por seus praticantes. Possenti (2018, p. 139), pontua que “o efeito do humor é predominante e certamente intencionado, ou seja, os autores esperam que suas frases *sejam lidas* como pertencendo ao campo do humor, que provoquem o riso, eventualmente malicioso”. Dessa forma, há todo um jogo que decorre, sobretudo, pela linguagem, pois um discurso que propaga ódio e preconceito pode ter total liberdade de circulação.

Não é exagero direcionar certa parcela de contribuição dos crescentes números de casos de estupro no Brasil, bem como outros tipos de violência contra a mulher a discursos proferidos no campo humorístico. Uma piada sobre o sexo feminino não parte do acaso, mas de uma cultura que prioriza o homem e subjuga a identidade feminina, e, dessa maneira, reforça estereótipos que concebem, por exemplo, a mulher sob a disponibilidade sexual do homem. Sob isso, Saffioti (1987) compreende que a sexualidade está centrada no poder do falo, que, com base nisso, “deriva a expressão falocracia (falo = pênis), ou seja, o poder do macho” (Saffioti, 1987, p. 19). Todavia, “o falo não corresponde apenas ao pênis, mas a um pênis em riste, em ereção. Este falo, assim como seus congêneres reificados tais

como as armas de fogo, são apetrechos indispensáveis na sanha violenta de subalternização” (Campos, 2016, p. 7). O homem detém o falo, logo, detém o domínio entre as relações sexuais e o controle dos prazeres.

Alicerçado sob os ditames de uma cultura ocidental falocêntrica, “o corpo das mulheres não lhes pertence” (Perrot, 2005, p. 447). Esse despertamento forçado de seu próprio corpo acaba possibilitando que o homem exerça o papel de dominância sobre a mulher na sociedade. Tais circunstâncias é o que permitem a manutenção de uma “cultura do estupro”, definida, de acordo com Sousa (2017, p. 13) como “o conjunto de violências simbólicas que viabilizam a legitimação, a tolerância e o estímulo à violação sexual”.

O termo cultura do estupro começou a ser utilizado somente no final dos anos 70 por meio dos movimentos feministas. No entanto, antes do termo ser criado, essa cultura de centralidade no sexo masculino já estava, fortemente, instaurada na sociedade. Nesse ponto,

[...] chamar uma determinada prática social de cultura implica atribuir-lhe uma série de fatores que exprimem que essa conduta caracteriza-se, entre outras coisas, por ser algo feito de maneira corriqueira e não listado como raras exceções, colocando essa ação como uma atividade humana [...] (Sousa, 2017, p. 10).

Nessa perspectiva, idealizar a violência sexual contra a mulher enquanto uma cultura é o mesmo que afirmar que tais atos são, de fato, cotidianos e comuns. Essa realidade é fruto do patriarcado, “sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem” (Saffioti, 1987, p. 16), que, em geral, forjou a educação masculina que, ainda hoje, mesmo que as noções de masculinidade acerca dos comportamentos e das ações do homem tenham sido ampliadas, vigora na sociedade. Por conseguinte, Bola (2020, p. 16) mostra que o patriarcado “socializa os comportamentos, atitudes e ações dos homens, dizendo a eles como devem agir, se sentir e se comportar em todos os aspectos das suas vidas, especialmente em relação às mulheres”. Além disso, para o autor, “o sistema do patriarcado é algo que impacta as vidas de homens e mulheres, atuando desde o nascimento até a infância e seguindo pela vida adulta e por aí vai” (Bola, 2020, p. 16-17).

Em vista disso, os impactos do patriarcado são mais perigosos quando ocorrem no homem, visto que este será moldado por um regime que lhe tratará em posição de superioridade nas relações sexuais. Tal fator é o que banaliza uma

masculinidade tóxica, que, de certo modo, parece ser passada de geração em geração. Paula e Rocha (2019, p. 84) salientam que “desde pequenos, os meninos já carregam a carga do que se espera deles no futuro”. A criança desde cedo é submetida a uma criação que lhe impõe o dever de namorar muitas mulheres – ser “o pegador” –, de não demonstrar fraqueza ou sentimentos, que “*isso é coisa de mulherzinha*” e que eles devem “*agir como homem*”.

Embora tenham ocorrido mudanças na forma de gerenciar a educação masculina, assim como nas ações punitivas para algumas atitudes relativas “ao comportamento tóxico masculino, muitos homens ainda adotam o modelo hegemônico de identidade masculina que os aprisiona em uma subjetividade previamente construída” (Paula; Rocha, 2019, p. 87). Na maioria das vezes, pode até haver alguma mudança, porém apenas “parcial”, que é praticada em público ou mesmo em mídias digitais. Assim, desconstruir essa cultura patriarcal é algo complexo, pois, conforme aponta Nery (2021, p. 92),

O patriarcado é uma construção histórica e, por mais que tentemos escapar desse sistema, os seus resquícios ainda estão bem presentes nas sociedades ocidentais modernas e estabeleceram uma “ditadura” da heteronormatividade, centralizada na heterossexualidade, no falocentrismo e na virilidade (Nery, 2021, p. 92).

Consoante ao exposto, práticas patriarcais foram enraizadas na sociedade e podem ser vivenciadas dia após dia, mais ainda quando se refere a mulher. Perrot (2005) entende que os corpos das mulheres estão em um centro que circunda toda relação de poder. Para a autora, historicamente, o corpo da mulher foi “dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade” (Perrot, 2019, p. 76). O sexo feminino está, assim, inserido em jogos de poderes que, pela história, puseram o homem no topo de uma hierarquia que inferioriza as mulheres. Dessa maneira,

[...] Sua aparência, sua beleza, suas formas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (...) são o objeto de uma perpétua suspeita. Suspeita que visa ao seu sexo, vulcão da terra (...). Toda mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro. Se algo de mau lhe acontece, ela está recebendo apenas aquilo que merece (Perrot, 2005, p. 447).

As mulheres desde muito cedo aprendem o que devem ou não fazer: que não se deve andar sozinha à noite, que deve fazer um bom casamento, etc. A mulher só por nascer mulher já está predestinada a seguir uma série de deveres impostos pela

família e pela religião, tudo isso ancorado na figura de poder que o homem detém na sociedade. Dessa forma, a construção histórica das culturas ocidentais regida pelo patriarcado culminou em “uma tirania que se exerce sobre o corpo das mulheres a toda hora do dia, a cada mês de uma estação” (Perrot, 2005, p. 38-39). O ato da transgressão a essas imposições, para muitos, são motivos suficientes para justificar e legitimar, entre outros aspectos, crimes de ordem sexual, física ou psicológica.

Diante disso, a cultura do estupro é um instrumento hegemônico do patriarcado, que garante, antes de qualquer coisa, o domínio do homem sobre os sexos e sobre o prazer sexual. A partir das explanações desenvolvidas neste capítulo teórico, serão apresentadas no capítulo seguinte as análises concernentes aos discursos de ódio manifestados em piadas humorísticas a partir do *show* “Perturbador”, do comediante Léo Lins, publicado na plataforma do *YouTube*. Com isso, investigamos as condições de emergência dos discursos misóginos e a contribuição para a manutenção de uma cultura do estupro.

3 O HUMOR NA CONDIÇÃO DE EMERGÊNCIA DOS DISCURSOS MISÓGINOS

Muito se fala acerca do machismo existente em nossa sociedade e como influencia nas desigualdades entre o homem e a mulher. Desse modo, surgem inúmeros debates sobre como a mulher deve se comportar e agir dentro de um sistema patriarcal. Além disso, uma das pautas discutidas, sobretudo entre os movimentos feministas se trata do estupro. Safiotti (1987, p. 18) explica que “o caso extremo do uso do poder nas relações homem-mulher pode ser caracterizado pelo estupro. Contrariando a vontade da mulher, o homem mantém com ela relações sexuais, provando, assim, sua capacidade de submeter a outra parte”. Nesse cenário, torna-se imprescindível empreender uma análise voltada aos discursos de ódio misóginos e suas regularidades, considerando que a sua emergência é atravessada por uma historicidade, sujeitos, vontades de verdades, poderes e saberes.

Em vista disso, viu-se no capítulo 2 que os discursos misóginos têm uma grande circulação através do humor, travestidos de piada e/ou de brincadeiras inofensivas. Com base nisso, percebe-se que as piadas humorísticas podem comunicar ódio e têm, muitas vezes, maior alcance, pois são proferidas em palcos para grandes plateias. A turnês de *shows* de humor são também apresentadas em programas de TV e veiculadas em espaços midiáticos como *Instagram*, *TikTok*, *Facebook*, dentre outros, que, comumente, normalizam a circulação e a promoção de humor de cunho machista.

Nesse sentido, o *corpus* designado para o desenvolvimento desta pesquisa consiste em uma seleção de seis (6) enunciados proferidos pelo humorista Léo Lins em seu *show* de humor “Perturbador”, publicado no *YouTube*. Por meio da discussão da temática proposta, objetiva-se compreender quais condições de emergência possibilitam que discursos de ódio misóginos sejam ditos através do humor e como, a partir deles, se normalizam uma cultura do estupro. Nessa perspectiva, o limiar que possibilita a construção desta pesquisa é, em sua essência, enfatizar a emergência do discurso de ódio contra a mulher, que surge mediante o atravessamento de uma cultura patriarcal, disfarçada sob técnicas de humor.

3.1 A emergência dos discursos misóginos através de piadas

Para compreendermos a emergência dos discursos misóginos perpassados nas piadas humorísticas, é preciso, inicialmente, recolocá-lo no interior das sociedades. Como discorrido no capítulo 2, os discursos humorísticos surgem a partir das nuances sociais, isto é, são em sua essência problemáticas que instauraram-se na humanidade.

Foucault (2022, p. 118) ao se tratar dos enunciados, unidade mínima dos discursos, expõe que “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros”. De acordo com o autor, “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (Foucault, 2022, p. 121). Nesse sentido, o discurso repousa em já ditos, os quais condicionam a emergência de novos discursos. Logo, no humor não há uma produção particular do discurso, porém o retorno do que se dizem nas diferentes instâncias da sociedade, seguindo regras específicas de sua formação. Assim, o discurso misógino divulgado através do humor é condicionado por uma cultura patriarcal machista que, muitas vezes, mostra-se tolerante ao estupro. Mediante isso, vejamos o enunciado dito pelo humorista Léo Lins que afirma a possibilidade de um estupro ser algo divertido:

O oposto do alemão, para mim, é o espanhol, porque não apenas não dá medo como ele é divertido. Tudo em espanhol eu acho que fica divertido. Eu não sei se é por que tem várias palavras que são um poquitito, ratito, tiquito. Tudo fica divertido. Pode ver, se alguém fala: **“Pow, o que aconteceu ali? – Um estupro”**. Porra, pesado. **“O que aconteceu ali? – Um ertuprito”**. Divertido. **“Um ertuprito? Posso participar um poquitito? Só a cabecita, só a cabecita”**. Tá vendo? **Vocês já estão morrendo de rir. Oh, aquele aplaudiu um estupro**, tá vendo? Porque é em espanhol, só isso. O som é muito importante (Léo Lins, 2022, grifos nossos).

O enunciado posto em evidência consiste em uma das piadas (re)produzidas pelo Léo Lins, cujo tema se referia às diferenças de entonação de algumas línguas como o alemão e o espanhol. O humorista tratava, anteriormente, sobre o modo agressivo da língua alemã, que tinha uma forte entoação, que, por outro lado, era o oposto à língua espanhola. Segundo Léo Lins, a maneira que os espanhóis falavam – *“um poquitito, ratito, tiquito”* – tornava tudo divertido, independente do que estava sendo dito. Em uma busca para comprovar sua visão ao seu público, o comediante

realiza um comparativo entre o espanhol e o português brasileiro abordando um caso de crime de estupro.

Para Léo Lins, o peso de um discurso está, sobretudo, na entonação e não no acontecimento que oriunda esse dizer. O enunciado *“Pow, o que aconteceu ali? – Um estupro”* proferido em português é algo considerado *“pesado”* de ouvir. Desse modo, no português brasileiro não é possível, através da linguagem, remediar os danos de um crime sexual. No entanto, no espanhol, por sua vez, pode-se atenuar, segundo Léo Lins, os efeitos de um estupro, isto é, ouvir que ocorreu um estupro na língua espanhola tira todo o peso que esse discurso implica. Nessa perspectiva, a respeito do enunciado *“O que aconteceu ali? – Um ertuprito”*, deve-se ressaltar que a forma que o discurso é dito não condiz, de fato, com as regras gramaticais corretas da língua espanhola, mas se trata de uma ênfase ao som, assemelhando-a a entonação dos falantes do espanhol. Léo Lins compreende que o modo como é entoado que está acontecendo um estupro é, acima de tudo, *“Divertido”*, desconsiderando o ato como algo criminoso e/ou bárbaro.

Observa-se, entretanto, que o humorista se refere exatamente ao mesmo enunciado, só que em língua distintas. Foucault (2022, p. 103) teoriza que “língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência; e não podemos dizer que há enunciados como dizemos que há línguas”. Sob a ótica do autor, um mesmo enunciado contendo os mesmos signos linguísticos traduzidos em diversas línguas, não constituem, necessariamente, um novo enunciado, pois “não há tantos enunciados quantas são as línguas em jogo, mas um único conjunto de enunciados em formas linguísticas diferentes” (Foucault, 2022, p. 126). Dessa forma, vê-se que uma língua não pode minimizar os efeitos do discurso, sobretudo, quando se refere à prática de um crime sexual.

Ademais, observa-se que o humorista sob a ocorrência do estupro ridiculariza o crime, pondo-se na ação: *“Um ertuprito? Posso participar um poquitito?”*. O termo *“um poquitito”* apresenta o mesmo significado que “pouquinho” no português brasileiro, visto que o acréscimo do sufixo “ito” em algumas palavras do espanhol implicam à ideia de algo no diminutivo. Nessa perspectiva, no enunciado em análise, o diminutivo da palavra “pouco” tem o objetivo de amenizar o estupro e os danos causados à vítima, corroborando, dessa forma, para a normalização de uma cultura do estupro. Além disso, o enunciado *“só a cabecita, só a cabecita”* alude à glândula do pênis masculino, que não é introduzido por completo na vítima, mas

somente a “cabeça”. Vê-se que a penetração do órgão sexual masculino na sujeita, dessa maneira, ocorre sem o seu consentimento, configurando-se como um crime de estupro. Põe-se em evidência também o fato de ser um estupro praticado por mais de um estuprador, pois Léo Lins pede para participar do ato que, por sua vez, já estava sendo praticado.

Com efeito, sob a materialidade do enunciado apresentado, percebe-se que a fala do humorista acarretou no riso do seu público em geral: “*Vocês já estão morrendo de rir*”. Morrer de rir, comumente, é designado a situações em que um determinado indivíduo está no ápice de contentamento. Além disso, o enunciado “*aquele aplaudiu um estupro*” mostra uma satisfação gerada por parte de algumas pessoas da plateia pela descrição do ato – merecedora de aplausos. Essas ações, por sua vez, são condicionadas pela cultura machista que atravessa os sujeitos presentes na enunciação.

Diante disso, Bergson (2018) assinala que um dos sintomas que marcam o humor é a insensibilidade por parte dos sujeitos. Para o autor, existe uma “insensibilidade que comumente acompanha o riso (...). A indiferença é seu ambiente natural. Não há maior inimigo do riso que a emoção” (Bergson, 2018, p. 38). A partir do enunciado mencionado anteriormente, consta-se que muitos dos sujeitos que ouvem a piada têm ciência do que é um estupro e dos danos que pode causar em alguém, haja vista que quase todos os que riem é porque a compreenderam o que estava sendo dito. Porém, para que seja algo engraçado é necessário desconsiderar a gravidade do que é dito e focar no que há de humorístico no dizer.

Frente ao exposto, observa-se que a emergência do discurso misógino parte, substancialmente, de uma naturalidade que é dada aos discursos humorísticos. Segundo Tejada e Vinhas (2023, p. 5), “o humor evidencia a violência como piada para que os efeitos humorísticos se sobreponham aos efeitos de violência e, assim, ela possa continuar sendo reproduzida”. Portanto, é possível dizer que “o humor legitima essas práticas e permite que elas circulem de forma natural” (Tejada; Vinhas, 2023, p. 5). Sob isso, o que pode ser, terminantemente, proibido ou causa de revoltas, no humor, podem ser normalizados e (re)produzidos na sociedade.

3.2 Discursos misóginos: uma normalização da cultura do estupro através do humor machista

A sociedade é marcada por desigualdades e por preconceitos que estão arraigados nos valores morais e éticos dos seres humanos. Em razão disso, os discursos de ódio emergem na tentativa de inferiorizar determinado grupo ou sujeitos, a fim de estabelecer uma posição de privilégio de um ou mais indivíduos. No tocante às mulheres, como discorrido no capítulo 2, nas culturas do ocidente o homem foi, historicamente, designado ao posto de líder do lar, ao sinônimo de força e coragem, enquanto “a mulher é associada a valores considerados negativos, tais como, emoção, fragilidade, resignação” (Saffioti, 1987, p. 34). Diante disso, os discursos de ódio contra a mulher são, por vezes, viabilizados e proliferados sob a luz de uma cultura permissiva ao machismo. Em razão disso, em grande parte dos casos, a voz feminina acaba silenciada, tendo em vista que ao denunciar o crime de estupro, a sociedade coloca em questão a veracidade do dizer da vítima.

No entanto, deve-se considerar que há, na atualidade, uma maior insatisfação pública a discursos que comunguem ódio à mulher, sobretudo, quando se trata de violências físicas, sexuais ou psicológicas. Apesar disso, o machismo e os atos de misoginia percorrem diferentes campos da sociedade (política, família, religião, esporte, etc.). Entre estes campos também está o humor, que, por sua vez, tornou-se um meio em que discursos de ódio são, por vezes, aceitos.

Conforme Foucault (2014, p. 8-9), “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. Por meio disso, os discursos não podem ser ditos de qualquer modo, além de que não se pode dizer tudo em qualquer lugar e não é todo sujeito que pode falar. Desse modo, quando um discurso misógino é proferido por um humorista homem, branco, hétero, que está em um palco e que fala para uma plateia que pagou para estar naquele ambiente o ouvindo, há menor rigidez sobre esse seu dizer. Com efeito, vejamos o enunciado do humorista Léo Lins, em seu *show* “Perturbador”:

“Para quem viu o Bullying Arte esse show também tem o livro do humor negro. Esse livro é um caderninho onde eu anoto as minhas piadas mais pesadas. Ele será lançado futuramente. Eu só não lancei ainda porque nenhuma editora quis. Eu mandava o livro e elas “não, não, não”. **Esse livro já ouviu mais não que um estuprador.** É essa plateia que eu gosto: **cúmplices de um crime**” (Léo Lins, 2022, grifos nossos).

É importante salientar que o *show* “*Bullying Arte*” foi o espetáculo anterior ao “Perturbador” (foco de análise). Posto isso, o enunciado em evidência trata acerca do livro “humor negro” que Léo Lins deseja publicar e da sua dificuldade de encontrar uma editora que aceite publicá-lo devido nele conter suas “*piadas mais pesadas*”. Nesse sentido, após ter o livro negado por diversas editoras, o humorista faz uma comparação ao caso de um estuprador, alegando que ambos recebem muitos não – o livro das editoras e o estuprador das vítimas.

Pode-se observar que o enunciado “*esse livro já ouviu mais não que um estuprador*” desencadeia uma assimilação quase que instantânea entre os acontecimentos, isto é, de um lado o porquê de o livro ter recebido um não e do outro o motivo pelo qual o estuprador recebeu um não. Dessa forma, o interlocutor é motivado a trazer à memória o fato de que o “não” que um estuprador sofre resulta, comumente, de um estupro ou a tentativa de um estupro, em que a vítima se recusou a ter algum tipo de relação sexual. Logo, vê-se que “a misoginia no humor não tem a comoção gerada sob o modo sério porque é mais sutil” (Tejada; Vinhas, 2023, p. 5), que, por conseguinte, pode justificar o porquê a comparação entre um estuprador e um livro gerou o riso da plateia.

Tendo em vista que os efeitos humorísticos de uma piada são, de certo modo, pretendidos pelo humorista, é notória a satisfação que Léo Lins tem após ter seu discurso, supostamente, aprovado – “*É essa plateia que eu gosto: cúmplices de um crime*”. Nesse ponto, deve-se ressaltar que “não necessariamente se interpretará o eventual riso (...) como sinal de aprovação” (Possenti, 2018, p. 36). Entretanto, ao rir, seu público legitima o que foi dito, além de corroborar com outros discursos que normalizam uma cultura do estupro. Em consonância com isso, Bergson (2018, p. 63-64) destaca que “a arte do contista e do comediante não consiste simplesmente em compor falas. O problema é dar a fala sua força de sugestão, quer dizer, torná-la aceitável”. Portanto, ao serem “*cúmplices de um crime*” e rirem da piada, o público passa a aceitar o discurso de Léo Lins e compactuar com o pensamento do humorista. Com base nisso, analisemos o enunciado a seguir:

Tem coisas que nem faziam sentido no contexto violento do Rio de Janeiro. Sabe? Algumas histórias infantis. Branca de Neve. **Eu lembro que a gente pensava: “Mas como assim? A mulher entra numa casa e fica morando com sete homens? Quer rola”.** No Rio chamava de Branca de Porra (Léo Lins, 2022, grifos nossos).

Sob a materialidade do enunciado em questão, pode-se notar que o elemento crucial que desencadeia o humor parte de uma história infantil: a da Branca de Neve. Com efeito, deve-se ressaltar que essa história já apresenta traços machistas, visto que a narrativa é construída a partir de uma princesa que comeu um fruto amaldiçoado que a fez cair em um sono profundo do qual só o beijo de um príncipe encantado poderia despertá-la. Assim, o ato do beijo em si já se trata de um abuso sexual, pois não haveria consentimento. Além disso, narra-se que a Branca de Neve morava com sete anões, circunstância essa que se torna o fundamento da piada do humorista Léo Lins.

Para o humorista, essa história não condizia com a realidade vivida no contexto violento do Rio de Janeiro. Nessa concepção, o enunciado *“A mulher entra numa casa e fica morando com sete homens? Quer rola”*, infere que Branca de Neve não poderia viver com sete homens, a não ser que desejasse manter relações sexuais com eles. A interrogação (“?”), nesse entendimento, acaba exprimindo que tal conduta remete a uma necessidade de sexo da princesa, descrito como o ato querer “rola” (órgão sexual masculino). Além disso, ao (re)nomear a personagem como *“Branca de Porra”*, o termo “porra” pode ser assimilado pelo sujeito ao esperma dos homens.

Desse modo, esse discurso está atrelado a um pensamento machista que constrói um estereótipo feminino de que determinados comportamentos e atitudes são ocasionados por uma ausência de um pênis ou à carência dele, bem como veem a conduta de uma mulher como sendo motivada, quase sempre, pelo interesse e disponibilidade sexual. Nessa compreensão, evidencia-se, também, a perpetuação de uma cultura que modifica/transforma os discursos de uma história infantil, dotada de uma lógica “inocente”, para a (re)produção de efeitos de sentidos carregados de teor sexual.

Dessa maneira, uma mulher morar com muitos homens seria uma evidência suficiente para comprometer a veracidade do crime e o proceder de seu julgamento perante a lei e a sociedade, posto que a conduta desta sujeita, socialmente, é considerada algo de “mulher vulgar”. Discursos como *“Ela pediu para ser estuprada”* ou *“ela estava sozinha no local, queria o que?”* poderiam ser associados à fala do Léo Lins. Vigarello (1998, p. 8) aponta que “o julgamento do estupro mobiliza a interrogação sobre o possível consentimento da vítima, a análise de suas decisões, de sua vontade e de sua autonomia”. Consequentemente, “essa objetificação e a

concepção de que as mulheres estão à disposição sexual, alicerçadas em uma masculinidade tóxica, corroboram para a permanência de uma cultura, que naturaliza/normaliza o estupro no país” (Nery, 2021, p. 195). Frente às considerações, passemos a sequência enunciativa a seguir:

Come a banana! – Mas agora eu não quero. Mas tem que comer! – Mas eu não estou com vontade. **Mas tem que comer se não vai estragar! – Então alguém tem que comer a minha vó** (Léo Lins, 2022, grifos nossos).

No enunciado acima, é possível destacar, a princípio, a objetificação de uma mulher, nesse caso, a avó. Além disso, a partir da construção da piada, observa-se que se trata de uma situação em que um dado neto conversa, provavelmente, com um parente (pai, mãe, irmãos, etc.), que tenta obrigá-lo a comer uma banana para evitar que ela estrague. Mediante isso, o enunciado *“Mas tem que comer se não vai estragar!”* usado por um lado para remeter a ingestão do alimento (a banana) é, também, atribuída pelo neto a avó, assimilando que ela deve ser comida para não estragar. Em vista disso, a palavra *“comer”*, por sua vez, é imputado como o ato de fazer sexo enquanto estragar concerne ao envelhecimento ou, até mesmo, conduzir à ideia da morte da sujeita. A sujeita, portanto, é conduzida a uma posição de objeto de prazer masculino, que, mesmo sem o seu consentimento, precisa manter relações sexuais.

Diante disso, verifica-se que as palavras podem “romper com os contextos prévios de seu enunciado e adquirir novos contextos para os quais não foi proposto” (Butler, 2021, p. 32). Desse modo, vê-se que o efeito que produz o humor desta piada é talvez o fato que implica em uma associação entre a avó e uma banana. Para Bergson (2018), “o que faz rir é transfiguração momentânea de uma pessoa em coisa”, assim, “riremos todas as vezes que uma pessoa nos der a impressão de uma coisa” (Bergson, 2018, p. 61). Nessa concepção, a causa o riso do público ocorre pela comparação que se faz entre a mulher e a banana.

Os discursos de ódio misóginos que atravessam o humor não são os responsáveis pelos casos de abuso sexual que dia após dia acontecem no Brasil, todavia, se constituem agentes ativos de uma cultura machista tolerante ao estupro e que busca inferiorizar a identidade da mulher. Destarte, concordamos como Butler (2021, p. 39) ao descrever que “o discurso não apenas *reflete* uma relação de dominação social; o discurso *coloca em ação* a dominação, tornando-se o veículo pelo qual essa estrutura é social é restabelecida”. Sob isso, a autora acrescenta que

“o discurso de ódio *constitui* seu destinatário no momento do enunciado” (Butler, 2021, p. 39). Piadas de cunho misógino reforçam estereótipos femininos impostos, culturalmente, acerca de uma subserviência da mulher à vontade do macho e põe em cena uma superioridade do homem em uma hierarquia social estabelecida no decorrer da história. Em razão disso, no tópico a seguir será abordado como o estupro pode servir de ferramenta discursiva para a (re)produção dos discursos de ódio misóginos através do humor.

3.3 O estupro como ferramenta de (re)produção de discursos misóginos no humor

Ao sofrer o estupro, a vítima abusada entra em um complexo feixe de relações de poderes e de saberes, visto que sobre si e sobre o crime são criadas determinadas verdades. Nessa compreensão, além de lidar com os traumas do estupro, a vítima ainda sofrerá julgamentos de “o porquê” de ter sido estuprada. Além disso, ao vir à tona o crime, essas sujeitas “vinculam-se a essa verdade, colocam-se numa relação de dependência perante outrem e modificam ao mesmo tempo a relação que tem consigo mesmo” (Foucault, 2018, p. 8).

Desse modo, tratar dos discursos de ódio referentes ao crime de estupro é, de fato, estender-se acerca de um dos atos mais bárbaros que pode ocorrer a um ser humano e se inserir em um campo fértil na produção dos discursos. O estupro acontece, principalmente, com mulheres, o que não descarta, também, uma parcela de incidências com homens. Sofrer um estupro deixa marcas para toda a vida, pois o trauma de ter o seu corpo violado brutalmente instaura o medo, a vergonha e, em muitos casos, a culpa. Nesse sentido,

O estupro provoca uma lesão ao mesmo tempo semelhante e diferente das outras. Semelhante porque é o efeito da brutalidade. Diferente porque é poucas vezes consciente no agressor, apagada pela efemeridade do desejo, ao passo que intensifica a vergonha na vítima, a ideia de uma contaminação pelo contato: a indignidade atravessando a pessoa para transformá-la aos olhos dos outros (Vigarello, 1998, p. 30).

Em vista disso, outro ponto de destaque quando se trata dos crimes de estupro é quando este acontece ainda na infância. Conforme os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), o público mais afetado pelos crimes de estupro, em sua maioria, continua sendo as crianças e os adolescentes de 0 a 13 anos de idade, equivalentes a 61,4% dos casos totais de estupro no Brasil em 2022,

que, aproximadamente, correspondem a 8 de cada 10 casos de violência sexual no país.

Dessa forma, ao se voltar à instância do discurso, a promoção de humor tendo como conteúdo crimes de tal segmento se tornou algo comum de se deparar, sobretudo, nas mídias digitais como o *YouTube*. Sob esses aspectos, determinados tipos de discursos de ódio perpassados no humor podem contribuir para a normalização de delitos sexuais e ser alicerce à cultura do estupro. A partir dessas breves explicações, vejamos o primeiro enunciado:

Para a menina do campo perder a virgindade é mais fácil, também. **Basta correr menos que o tio.** Óh... Quem não aplaudiu essa lembrou do tio. Tio Paulo, que sapeca. Ah! Ele me dava muitos presentes, viu? (Léo Lins, 2022, grifos nossos).

O enunciado acima é um dentre outras piadas que compõem o *show* de humor do comediante Léo Lins, em que são abordados crimes de estupro enquanto forma de promover o riso do seu público. Baseado nisso, o gatilho da seguinte piada se dá mediante uma espécie de relação de causa e consequência, em que “há um apelo à memória, além de um jogo específico de linguagem” (Possenti, 2018, p. 141). Dessa maneira, não há na materialidade do discurso a descrição de que houve o estupro de modo especificado, todavia, no enunciado “*Basta correr menos que o tio*”, percebe-se uma possível causa que resultará na perda da virgindade da menina pelo tio. Em outras palavras, se a menina correr menos que o seu tio, ela será alcançada por ele e, conseqüentemente, estuprada.

Além disso, outro fator que deve ser destacado é a maneira como tal discurso aciona a memória dos seus ouvintes, pois a interpretação dessa piada só é possível porque está atrelada a uma verdade constatada oficialmente: a de que os tios e outros familiares são, muitas vezes, os autores dos abusos sexuais. Esse apelo à memória ocorre devido ao alto índice de ocorrências no âmbito familiar, em que há relação parental entre a vítima e os seus estupradores. No Brasil, conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), cerca de 64,4% dos casos de estupro foram por parte de familiares da vítima e 21,6% eram conhecidos da vítima,. Logo, a frequência com que acontecem episódios de estupro por parte de familiares como pais, primos, avôs e, no caso da piada, os tios, é o elemento crucial usado por Léo Lins para causar o tom humorístico ao seu discurso e provocar o riso de sua plateia.

Ao dizer “*quem não aplaudiu essa lembrou do tio*”, Léo Lins sugere que a negação às palmas se dá por conta das memórias traumáticas de abusos sexuais sofridos na infância (re)vividas a partir de seu dizer. Ou seja, quem não aplaudiu a sua piada é uma vítima de estupro de vulnerável praticado por algum parente, em específico, o tio. No entanto, a maneira como determinados sujeitos reagem a enunciados desta natureza se distingue entre si em razão de que os sujeitos são, constantemente, subjetivados em suas relações de poder, isto é, “o sujeito transforma-se, fazendo com que os seus modos de subjetivação estejam ligados ao seu comportamento no ambiente em que estão inseridos” (Pereira Silva, 2021, p. 28). Dando prosseguimento às análises, vejamos outro enunciado proferido pelo humorista Léo Lins, cuja piada, também, remete ao estupro, sobretudo, de vulnerável:

Uma vez eu vi uma enquete na internet escrita assim: **“O que vocês falam quando terminam de transar?”**. **Aí eu fui lá e escrevi: “Não conta para sua mãe que eu te dou uma boneca”**. Porra, me xingaram muito. “Seu pedófilo, merece um tiro”. Eu falei: **“Cara, como você dá para a piada o mesmo peso que você dá para o crime?”**. Pow, esse dia eu fiquei mal, um monte de gente me chamando de pedófilo, pedófilo. **Eu só fiquei melhor no dia seguinte quando eu fui no parquinho olhar as crianças**. Vai no trepa-trepa agora. **Sou completamente contra a pedofilia, sou mais a favor do incesto. Se for abusar de uma criança abusa do seu filho, ele vai fazer o que? Contar para o pai?** Olha o pai incestuoso aplaudindo essa (Léo Lins, 2022, grifos nossos).

O enunciado em questão retoma a discussão acerca do estupro de vulnerável. A partir deste enunciado podem ser frisados alguns aspectos centrais para tecer os diálogos pretendidos para esse tópico de análise. O primeiro aspecto que deve ser apontado é que, diferentemente do primeiro enunciado analisado nesta categoria, parte desse segundo não se trata de uma piada produzida com exclusividade para o *show* do Léo Lins, mas de algo que surge, de acordo com o uma situação vivida fora dos palcos. Embora não haja como comprovar a veracidade do que é enunciado, observa-se que o humorista narra um fato passado de sua vida cotidiana.

Sob isso, o efeito de humor desse enunciado está ligado, primeiramente, à resposta a pergunta da enquete. “*O que vocês falam quando terminam de transar?*”, comumente, espera-se respostas como “*foi muito bom*”, “*quando podemos fazer de novo?*”, por exemplo. Contudo, o ponto principal da piada está em “*não conta para sua mãe que eu te dou uma boneca*”, que causa uma quebra de expectativa no

público. Esse enunciado, por sua vez, gera uma comoção nos interlocutores, essencialmente, pelo gesto de “dar uma boneca”, visto que a partir disso se atribuem duas características à piada que são, em suas particularidades, o eixo que sustenta o que há de humorístico nesse discurso é o fato de dar uma boneca em troca do silêncio. Por outro lado, há, também, o ato de instigar o sujeito a ocultar uma verdade de sua mãe em troca de um presente, que é uma atitude do qual se atribui, em grande parte dos casos, a conduta de pedófilos e de estupradores. Além disso, há situações em que a verdade é silenciada não por meio de recompensa, mas de ameaças – “*Não conta para sua mãe se não eu te mato*”. Desse modo, observa-se que se trata de uma prática comum de pedófilos e de estupradores, cuja “interdição da verdade (...) é ocasionada pelas ameaças do estuprador e pelo “*oferecimento de coisas*” (Nery, 2021, p. 172).

Nesse entendimento, é possível diagnosticar que se refere não a uma vítima adulta, mas a uma criança, haja vista que ao negociar o silêncio é oferecida uma boneca, objeto destinado, habitualmente, para a fase da infância. Ademais, por se tratar de uma boneca, atribui-se que a criança seja do sexo feminino. Tal fator gera maior comoção e, por conseguinte, maior revolta nas pessoas, pois, para muitos, piadas sexuais sobre crianças excedem os limites do aceitável, mesmo no humor. Na infância a sujeita ainda é um corpo inocente que não tem pretensões sexuais. Logo, o estupro de vulnerável exclui a culpa da vítima e evidencia o estuprador como o principal motivador do crime.

Após a publicação na *internet* do seu comentário na enquete, Léo Lins afirma ter sofrido ameaças de morte por arma de fogo, além de ser chamado de pedófilo (“*Seu pedófilo, merece um tiro*”). Para Butler (2021, p. 87), os sujeitos que dizem “palavras socialmente injuriosas é mobilizado por essa longa cadeia de interpelações injuriosas: ele ou ela adquire um estatuto temporário ao citar esse enunciado, ao performatizar a si mesmo como a origem desse enunciado”. Nesse entendimento, a partir do seu dizer, o humorista assumiu o risco dos efeitos de sentido que os seus dizeres poderiam desencadear em si e nos outros. Segundo a autora, ao tratarmos dos discursos, devemos, pois, atentar-se que “o discurso está sempre, de alguma forma, fora do nosso controle” (Butler, 2021, p. 34). Além disso, as retaliações ao comediante foram exacerbadas em razão que o comentário a respeito da enquete foi escrito na *internet*, possibilitando maior repercussão devido à rápida e fácil disseminação de informações que esses *ciberespaços*⁹ fornecem.

Diante disso, ao (re)produzir um discurso misógino, Léo Lins é considerado por muitos como um criminoso, nesse caso, um pedófilo. Todavia, o humorista revida as retaliações sofridas, questionando tal afirmação a seu respeito: *“como você dá para a piada o mesmo peso que você dá para o crime?”*. Sob esse enunciado, referir-se a “peso”, nestas condições, é opor de um lado o ato de proferir de maneira jocosa um crime de estupro e do outro cometer, de fato, um estupro. Deve-se considerar que no ato da enunciação, o comediante não pratica o estupro contra a vítima, entretanto as condições de possibilidade que permitiram que seu discurso emergisse partem de uma mesma formação discursiva que promove e corrobora à crescente onda de estupros no Brasil.

De acordo com Possenti (2018, p. 29) “considera-se quase unanimemente que piadas racistas e machistas, por exemplo, divulgam e, por isso, incentivam e fortalecem discursos e comportamentos”. Com isso, discursos misóginos quando proferidos publicamente, acabam condicionando o surgimento de novos discursos machistas, bem como normalizam crimes de cunho sexual.

Diante do exposto, percebe-se que o humor se utiliza de técnicas para assegurar os seus efeitos cômicos. Com base nisso, observa-se que Léo Lins usa das circunstâncias de ser chamado de pedófilo para, a partir daí, entremear outra piada. O humorista afirma que após as retaliações sobre o seu comentário na enquete ficou triste e, somente no dia seguinte, melhorou o seu estado emocional – *“Eu só fiquei melhor no dia seguinte”*. Não obstante, a melhora é proporcionada devido ao fato que no dia seguinte ele foi ao parque observar as crianças brincarem: *“quando eu fui no parquinho olhar as crianças”*. Esse enunciado mostra que ver as crianças o recuperou de sua tristeza. Por se tratar de uma piada, vê-se que esse enunciado permite ao outro sujeito do discurso conceber tal ação não somente ao ato de ver, mas de relacionar a uma atitude que um pedófilo, normalmente, realizaria.

Assim sendo, as piadas, na maioria das vezes, dependem de algum componente elementar para alcançar seus efeitos humorísticos, nesse caso, *“olhar as crianças”*. Nesse sentido, a associação é realizada de maneira tão natural na piada que observar crianças em um parque não poderia ser uma atitude de uma

⁹ A noção de *ciberespaços* é proposta por Lévy (2010) para remeter aos espaços virtuais da *internet*. Saiba mais em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7L29Np0d2YcC&oi=fnd&pg=PA11&dq=ciberespa%C3%A7o+ pierre+levy+2010&ots=gIPCvAVwji&sig=GSvasrJzwJOqbzunbfcKul6-naU>. Acessado em 10 de fevereiro de 2024.

pessoa de bem, que gosta da alegria e da pureza das crianças, mas sim, de um pedófilo ou de um estuprador que está naquele ambiente em busca de cometer um crime de abuso sexual. Tal interpretação só é possível, dessa maneira, através desse elemento primordial da piada, uma vez que este aciona a memória dos sujeitos a uma assimilação que lhe parece, em parte, óbvia.

Posteriormente, observa-se que Léo Lins alega ser “*completamente contra a pedofilia*”, ao passo que afirma ser “*mais a favor do incesto*”. O enunciado em questão desconstrói a primeira ideia sobre ele ser um criminoso, haja vista que no Brasil o incesto não entra nas condutas classificadas como crime pela lei do Código Penal Brasileiro¹⁰, desde que seja realizado de forma consensual e entre adultos em pleno exercício de suas faculdades mentais. O incesto também é desclassificado como crime caso seja feito entre dois menores de idade. Contudo, existe um projeto de Lei 603/21, do deputado Sanderson do PSL no Rio Grande do Sul, que criminaliza a prática do incesto no Brasil. O texto prevê a reclusão de um (1) a cinco (5) anos para o pai ou a mãe, o filho ou a filha, o irmão ou a irmã e, também, o avô ou a avó que mantiver relações sexuais consanguíneas ou por afinidade entre parentes.

Embora o incesto não seja considerado crime perante as leis brasileiras, essa prática é, dentre outras, um possível meio que viabiliza e ao mesmo tempo encoberta crimes de estupro. Em vista disso, nota-se que entre a pedofilia e o incesto, o estupro é algo comum em ambos. Em muitos casos, a vítima nem se dá conta que está sendo abusada. Há, também, situações em que os abusos são ocultados por medo ou vergonha do que lhe possa acontecer, tanto socialmente quanto na família. Conforme Nery (2021, p. 168), “falar de uma invasão da intimidade sexual provocada por familiares pode ser ainda mais constrangedor do que quando o estuprador é um desconhecido”.

A partir disso, Léo Lins ratifica o seu discurso inferindo o seguinte enunciado: “*Se for abusar de uma criança abuse do seu filho, ele vai fazer o que? Contar para o pai?*”. Esse enunciado em questão imbrica uma série de apontamentos a respeito do estupro, sobretudo, de vulnerável e ocorrido no âmbito familiar. Inicialmente, ao pronunciar “*se for abusar*”, o humorista insinua uma possibilidade de cometer o crime ou não. Butler (2021) argumenta que os discursos podem, quando comunicam

¹⁰ Para mais informações, buscar em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-incesto-no-brasil-e-crime/1625394665>. Acesso em 09 de fevereiro de 2024.

ódio, causar sérios danos ao seu destinatário. A autora explana que “o dizer não é ele próprio o fazer, mas pode levar ao fazer de um dano, e é isso que deve ser combatido” (Butler, 2021, p. 171). Nesse sentido, Léo Lins não dá uma afirmação de que o estupro vá acontecer, porém há probabilidade que seja feito.

O enunciado “*se for abusar*” é complementado por “*de uma criança*”, que, desse modo, refere-se à possibilidade de cometer um abuso a um sujeito ainda na infância e não de um caso na fase adulta. O humorista consegue ser mais específico, sugerindo não apenas que seja uma criança, contudo que seja o filho do abusador, pois, com isso, as chances de denúncia são atenuadas, ao passo que, nesse cenário, o que deveria ser a principal rede de apoio, a família, é a própria causadora do crime. No enunciado “*ele vai fazer o que? Contar para o pai?*”, percebe-se que o comediante questiona o fato da criança expor a verdade sobre o crime, visto que a figura que deveria ser seu protetor é, por outro lado, o responsável pelo estupro.

Nessa ótica, comungamos com Corbin (2021, p. 30) ao inferir que “na palavra da criança, sai mais silêncio do que som”. Diante disso, é notório que para elas a exposição de um crime é algo mais complexo, haja vista serem, geralmente, descredibilizadas e não levadas a sério. Isso sucede, pois, “as instituições públicas, seja a polícia, a justiça ou as unidades de saúde, na maioria das vezes, não oferecem o apoio devido” (Araújo, 2020, p. 33). Outrossim, esse fato é agravado quando existe a falta de apoio na família.

Muitas vítimas de estupro e estupro de vulnerável, principalmente mulheres, sofrem em silêncio, carregando consigo a dor, o trauma, as angústias de ter o seu corpo violado, sem que ninguém saiba. Todavia, deve-se ressaltar que “deixar de lutar pode significar muitas coisas na cabeça de quem sofre violência sexual, mas não é – e nunca será – consentimento” (Araújo, 2020, p. 84). Portanto, os discursos misóginos que circundam as práticas humorísticas são dentre outras questões reflexos de uma cultura que privilegia o homem nas diferentes instâncias da sociedade como família, trabalho, política e, também, nas relações sexuais. Dessa forma, piadas misóginas que expõe as mulheres de modo jocoso e ridicularizam os crimes de cunho sexual, acabam que por objetivar a identidade das mulheres que foram estupradas, como também objetivam o comediante como indivíduo que detém o poder soberano do dizer, pois no palco somente o humorista detém a fala.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das mulheres é marcada pela constante luta por direitos, por igualdade de gênero e, acima de tudo, pela busca de liberdade. Todavia, desde os primórdios da humanidade a mulher foi colocada à margem da sociedade, sob perpétua vigilância, destinada quase sempre à função de responsável pelos filhos e dos serviços domésticos. Essa visão deturpada dos papéis e das posições sociais resulta de um sistema patriarcal que, continuamente, empenha-se à tentativa de subalternizar o corpo feminino e supervalorizar o homem. Entre os meios de conquista de poder, o estupro é, de certo, o modo mais bárbaro de exercício da dominação masculina. Nesse aspecto, a datar da chegada dos colonizadores portugueses às terras brasileiras o estupro tem se perpetuado no Brasil.

Nessa perspectiva, ainda hoje perseveram concepções patriarcais que marginalizam a mulher e que contribuem para a perpetuação do estupro. Essas noções, por sua vez, têm se espalhado com mais velocidade e o com um maior alcance por meio das mídias digitais, principalmente quando estão travestidas de piadas humorísticas. A partir destas múltiplas práticas sociais que estabelecem a subordinação das mulheres ao homem, ocasionou-se um aumento expressivo dos discursos de ódio misóginos. Esses discursos, por outro lado, validam-se de diferentes recursos da linguagem como o humor para (re)produzir não somente ideais machistas, mas para preservá-los de uma possível interdição.

Diante disso, o presente trabalho propôs investigar como os discursos misóginos perpassados no humor reforçam estereótipos femininos e culminam em uma naturalização de uma cultura transigente ao crime de estupro. Desse modo, apresenta-se uma necessidade de abordar tais problemáticas, que, assim, acrescentarão aos debates que versam acerca dos discursos, dos feminismos e também, dos crimes sexuais. Nesse sentido, a referente pesquisa objetivou analisar as piadas humorísticas obtidas através do *show* “Perturbador” do humorista Léo Lins publicado no *YouTube*, com o intuito de compreender quais as condições de emergências que possibilitam a (re)produção dos discursos misóginos por meio humor e como contribuem para a normalização de uma cultura do estupro.

Dessa maneira, observa-se que a prática do humor reflete, muitas vezes, os problemas arraigados na sociedade: o racismo, a homofobia, a intolerância religiosa, e, em específico na nossa pesquisa, o machismo. Com isso, constitui-se um

imaginário acerca da mulher a partir de um complexo feixe de discursos que subjuga a identidade feminina e que relativizam violências sexuais, psicológicas e físicas sob o modo de piada. Além disso, no tocante aos discursos misóginos, pôde-se constatar que no humor há uma espécie de hierarquia social que envolve sujeitos e poderes presentes na enunciação. Portanto, de um lado está aquele que tem o poder do dizer, do outro aqueles que recebem o dito e à margem do discurso está o objeto de ataque, nesse caso, a mulher.

Ademais, ao analisar os discursos proferidos pelo Léo Lins, pôde-se evidenciar que a propagação e a (re)produção de discursos misóginos é intensificada devido ao reconhecimento nacional e, até mesmo, internacional que este humorista possui. Logo, vê-se que por se tratar de um ex-apresentador de TV, que tem milhões de seguidores nas redes sociais, além de ser uma figura polêmica que constantemente aparece em notícias de jornais e de páginas de *internet*, seus discursos tendem a repercutir muito mais na sociedade e, por consequência, causar danos ainda maiores às mulheres. Não obstante, em razão dessa influência exercida pelo humorista, observa-se que os discursos misóginos passam por uma política de vigilância que põe em oposição os sujeitos que os (re)produzem para aqueles que os condenam.

Diante do *corpus* desta pesquisa partir de um *show* publicado no *YouTube*, outro fator que pôde ser observado ao investigar os discursos do Léo Lins foi o papel das mídias digitais na proliferação de discursos misóginos, uma vez que os ambientes virtuais fornecem uma rede de interações em tempo real, que permite, assim, que determinados tipos de conteúdos circulem mais rápido entre os sujeitos. Além disso, os espaços midiáticos podem prolongar os efeitos de um discurso de ódio misógino, pois neles os sujeitos têm acesso ilimitado às publicações, podendo consumir e compartilhar para diversas pessoas, por exemplo, o mesmo vídeo no *YouTube* inúmeras vezes, onde e quando quiser.

Desse modo, observa-se que os aumentos graduais dos conteúdos nas mídias digitais de caráter machista, principalmente atrelado ao humor, ressoam também na vida fora dos ambientes virtuais, haja vista que pela fácil acessibilidade muitos sujeitos (re)produzem piadas de cunho misógino no seu dia a dia entre amigos e familiares, bem como nos próprios espaços midiáticos. Sob isso, outro ponto que pôde ser evidenciado foi à profissionalização dentro do humor, por ser

uma prática que tem se tornado lucrativo tanto pela realização de *shows* de *Stand Ups*, quanto pelo faturamento das visualizações na *internet*.

Diante das explanações realizadas, destaca-se a importância desta pesquisa para o enriquecimento científico na formação profissional do sujeito enquanto pesquisador, além das contribuições acadêmicas e sociais para as causas de defesa à mulher. Ademais, em vista dos dados analisados, percebe-se a urgência de combater os discursos de ódio misóginos, especialmente quando estão atrelados a práticas populares como é o caso humor, a fim de (des)construir um ideário feminino machista que distancia as mulheres de seus direitos e de sua liberdade e que normalizam uma cultura tolerante aos crimes de estupro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso**: a cultura do estupro no Brasil. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

BERGSON, Henri. **O riso**: Ensaio sobre o significado do cômico. 1. ed. Trad. Maria Adriana Camargo Cappello. Introdução: Débora Cristina Morato Pinto. São Paulo: Edipro, 2018.

BOLA, JJ. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Trad. Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 603/21, de 25 de fevereiro de 2021**. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, para criminalizar a prática do incesto. Brasília: Câmara dos Deputados, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2270923>. Acesso em 09 de fevereiro de 2024.

BRASIL. Decreto-Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. **Código Penal**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 2009.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CAMPOS, Andrea Almeida. A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 16, n. 183, p. 01-13, 2016.

CORBIN, Alain. **História do silêncio**: do Renascimento aos nossos dias. Editora Vozes, 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8º ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Malfazer, dizer verdadeiro**: função da confissão em juízo – curso em Louvain, 1981. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

IPEA; DIEST (Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia) (2023). **Atlas da Violência de 2023**. Rio de Janeiro, março.

KFTV PLAY. **Léo Lins - Perturbador**. YouTube, 16 de Mai. de 2023. Disponível em: <https://youtu.be/FVRhVwOgDCM>.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

NERY, Luciana Fernandes. **Entre os riscos e a coragem de dizer a verdade sobre si**: os discursos das sobreviventes de estupro a partir da prática da confissão no facebook. 2021. 231 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

PAULA, Raí Carlos Marques de; ROCHA, Fátima Niemeyer. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. **Revista Mosaico**. v. 10, n. 2, Jul/Dez, 2019, suplemento, p. 82-88.

PEREIRA SILVA, Débora Caruline. **Os discursos de ódios contra o corpo gordofeminino no Instagram**: dos estereótipos às resistências. – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2021. 102p.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

POSSENTI, Sírío. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

POSSENTI, Sírío. **Estudos Linguísticos, humor, política e ensino de Língua**. Heterotópica, 2020.

POSSENTI, Sírío. **O humor e a língua**. Ciência hoje, v. 30, n. 176, p. 72-74, 2001.

POSSENTI, Sírío. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

SAFFIOTI, Heleith I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SOUSA, Renata Floriano de. **Cultura do estupro-a prática implícita de incitação à violência sexual contra mulheres**. Revista Estudos Feministas, v. 25, n. 1, p. 9-29, 2017.

TEJADA, Bruna Vitória; VINHAS, Luciana Lost. **Ligações perigosas**: Uma análise discursiva sobre o humor na reprodução da violência contra a mulher. Letras de hoje, v. 58, n. 1, p. e43527-e43527, 2023.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Jandaíra, 2023.

VEYNE, Paul. **Michel Foucault, O pensamento, a pessoa**. 1. ed. Trad. Luís Lima. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2009.

VIGARELLO, Georges. **História do Estupro**: violência sexual nos séculos XVI-XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.